
A presença germânica na Madeira: negócios, saúde e turismo

Nelson Veríssimo*

Desde os primórdios da ocupação do arquipélago, encontramos referências documentais sobre a presença de alemães, nomeadamente doações de terras para arrotear e cultivar na ilha da Madeira. Com o êxito do povoamento e, em particular, com a prosperidade dos canaviais açucareiros, acentuou-se o interesse dos germânicos pelo comércio do *ouro branco*.

Na centúria de Oitocentos, a Ilha tornou-se reputada estância de saúde, e muitos visitantes de língua alemã sentiram-se atraídos pela benignidade do clima e as paisagens deslumbrantes. Mas a terra era também local propício para desenvolvimento de pesquisas científicas ou negócios. Numerosos forasteiros deixaram preciosos registos na literatura, gravura ou pintura, que constituem fontes imprescindíveis para a História insular. São vozes diferentes que importa descobrir e valorizar.

Henrique Alemão

Henrique Alemão, o cavaleiro de Santa Catarina, é personagem enigmática do povoamento da ilha. Na Madalena do Mar, a tradição regista a figura lendária do cavaleiro que recebeu terras de Zarco. Desde 1700, os genealogistas madeirenses referem o sesmeiro da Madalena como sendo um príncipe polaco refugiado nesta ilha. Mais recentemente, o cavaleiro lendário foi supostamente identificado como o rei da Polónia e da Hungria, Ladislau III, derrotado pelos Turcos em Varna no ano de 1444.

No entanto, é ideia encarada com natural cepticismo pelos historiadores, pois tudo indica que Ladislau morreu no campo de batalha, como aliás corroboram alguns testemunhos otomanos. É certo que, na Polónia, se protelou a eleição do sucessor de Ladislau III, mas para isso também muito contribuiu a instabilidade interna, decorrente

* Universidade da Madeira.

do fracasso da cruzada contra os Turcos, e as pressões dos cavaleiros da Ordem Teutónica.



Pretendeu-se ainda ver o retrato de Henrique Alemão no quadro flamengo, *Encontro de Santa Ana com São Joaquim* (ou *Anunciação do nascimento de João Baptista*, segundo a interpretação do padre Eduardo Pereira). Nesta pintura da Igreja da Madalena do Mar, hoje no Museu de Arte Sacra do Funchal, datável dos finais do século XV ou princípios do XVI, sobressai a personagem masculina, ricamente vestida, com punhal à cintura. Este pormenor originou controversa interpretação. Assim trajado, não seria São Joaquim, nem tão-pouco Zacarias, o sacerdote que emudeceu quando o anjo Gabriel lhe anunciou o nascimento do precursor do Messias. Contudo, o pormenor do punhal deverá ter, para a época, significado simbólico especial, pois numa pintura flamenga do fim do século XV ou inícios do XVI, exposta no Museu de Évora, alusiva à mesma temática, a personagem feminina também o possui suspenso da cintura.

De certo sabemos apenas que, em 29 de Abril de 1457, o infante D. Henrique, senhor do arquipélago da Madeira, confirmou a doação de uma terra na Ribeira da Madalena, feita pelo capitão Zarco a Henrique Alemão, cavaleiro de Santa Catarina. Nessa carta refere-se a extensão da terra doada: "... que a ele [Henrique Alemão] e a sete ou oito lavradores abastassem para lavrar e fazer vinhas, hortas, casas, açúcares e um oratório...". Isto quer dizer que sete ou oito lavradores acompanhavam Henrique Alemão.

Na época, o termo "lavradores" designava indivíduos de condição social elevada. Quem seriam? Não sabemos. Podemos, somente, concluir que o cavaleiro de Santa Catarina não veio só. A mesma carta de confirmação revela que o infante concedera também uma outra terra, entre a Madalena e o Arco da Calheta, a André Alemão.

Convém referir que, na época, a palavra "alemão" designava um indivíduo natural de Além-Reno. Logo, nesta zona da ilha, temos dois povoadores de Além-Reno: Henrique e André. Na toponímia local, ficou assinalada a sua presença com a *Fajã do Alemão*, hoje denominada, por corruptela, *Fajã do Limão*.

Henrique Alemão casou com Senhorinha Anes. Deste casamento, nasceu um filho (Segismundo) e uma filha (Bárbara).

Em 1457, o cavaleiro de Santa Catarina apresentava as suas terras bem aproveitadas, por isso solicitou, ao donatário, a confirmação da posse para os seus herdeiros e sucessores.

Em 24 de Outubro de 1471, reuniram-se, em Santa Maria do Calhau, juízes, vereadores, procurador e o capitão João Gonçalves, com lavradores, mercadores, mestres de açúcar e mesteres. Nesta reunião da Câmara do Funchal, tratou-se do *contrato do açúcar*. Representando a Madalena do Mar, compareceu João Rodrigues, como povoador de maior relevo social e rico proprietário de canaviais. Este acontecimento leva-nos a pensar que, à data, já Henrique Alemão havia falecido ou então estaria impossibilitado de se deslocar ao Funchal, porque de outra forma seria ele quem, por direito, tomaria lugar na dita vereação.

João Rodrigues de Freitas veio a casar, em primeiras núpcias, com a viúva de Henrique Alemão. No seu testamento, datado de 1520, determinou que, "até para o

fim do mundo”, se rezasse missa quotidiana pela alma do cavaleiro de Santa Catarina, o que poderá traduzir estima e gratidão ao forasteiro que recebeu terras na Madalena.

O genealogista Henriques de Noronha afirmou, em 1700, ser Henrique Alemão um príncipe da Polónia que, após a batalha de Varna, se refugiou ocultamente na ilha da Madeira. Do que conhecemos, esta é a primeira identificação do sesmeiro da Madalena do Mar com um príncipe polaco.

Depois, outros genealogistas repetiram o que Henriques de Noronha escreveu, acrescentando alguns pormenores, nomeadamente o relacionamento do cavaleiro com o capitão João Gonçalves Zarco. Na genealogia dita de Castelo Branco, obra do século XIX, refere-se, por exemplo, que, na casa do descobridor, Henrique Alemão “comia em um bacio à parte, quando com ele jantava”. Afirma-se ainda que o cavaleiro teria sido reconhecido, no Funchal, por uns frades polacos, os quais, junto do rei de Portugal, tentaram em vão o regresso do príncipe à Polónia.

No entanto, foi João dos Reis Gomes quem, n’*O Cavaleiro de Santa Catarina: de Varna à Ilha da Madeira* (1941), mais aprimoradamente reescreveu a lenda do misterioso cavaleiro para aproximá-lo de Ladislau, o “Varnense”. Esta hipótese tem vindo a ser amplamente divulgada, ainda que sem consistente fundamentação.

Nas décadas de setenta e oitenta do século XX, o polaco Leopold Kielanowski entusiasmou-se com a história de Henrique Alemão e, incansavelmente, buscou elementos que lhe permitissem associar o cavaleiro de Santa Catarina ao rei Ladislau III, seguindo, durante anos, o rasto do “Varnense”. O documento mais sólido, que apresentou, foi uma carta escrita em Lisboa, no ano de 1472, e dirigida ao Grão-Mestre da Ordem Teutónica, na qual Nicolau Flores, capelão de D. Isabel, duquesa de Borgonha¹, afirmava, sob promessa de sigilo, que o rei “Varnense” vivia nas ilhas do Reino de Portugal.

Embora Henrique Henriques de Noronha afirmasse ter visto documentação, datada de 1584, que provava ser o cavaleiro de Santa Catarina um príncipe da Polónia, refugiado na Madeira após a vitória dos Turcos em Varna, infelizmente, até hoje, ninguém mais pôs os olhos em cima de tão preciosos papéis.

¹ Filha do rei D. João I, casada com Filipe, o Bom.

Por muitos anos ou para sempre, Henrique Alemão continuará *vivo* no imaginário ilhéu, na tradição literária e na História como caso misterioso da história da clandestinidade europeia.

Na Rota do *Ouro Branco*

No século XVI, progrediu o contacto de germânicos com o arquipélago madeirense, devido ao comércio do açúcar.



O historiador Hermann Kellenbenz dedicou aturada investigação às relações comerciais da Madeira e dos Açores com a Alemanha nesta época.

Na rota do *ouro branco*, referenciou vários mercadores alemães, como, por exemplo, os Welser, de Augsburg, com diversos procuradores no Funchal (Lucas Rem –

1509-1510; Hans Rem – 1507; João de Agusta – 1508-1510; Leo Ravensburger – 1510; Hans Schmidt – 1510; Jacob Holtzbock – 1508, 1510), e os Voehlin, de Memmingen. O mercador alemão, residente em Bruges, de nome Claaes, dedicava-se à exportação de utensílios de latão e cobre para a Guiné, recebendo um quarto do pagamento desses produtos em açúcar da ilha da Madeira.

De registar ainda a presença dos seguintes mercadores alemães, ainda que os escrevêssem aporuguesassem os seus nomes e os escrevessem de diferentes formas: Jorge Andrefiz (Jorge Alemão), Calheta (?) – 1513; Jorge Emdorfor, Funchal – 1507-1508; Gregório, Calheta – 1509.

Em busca de saúde

Nos séculos XIX e XX, a ilha despertou o interesse de numerosos visitantes de língua alemã, como reputada estância de saúde e local propício para o desenvolvimento de pesquisas científicas ou negócios. Os testemunhos deixados pelos forasteiros constituem fontes ímpares para a História.

Sobre esta temática, Eberhard Axel Wilhelm deu à estampa, desde 1986, mais de cento e sessenta artigos em diversas publicações periódicas², para além do livro *Visitantes e escritos germânicos da Madeira: 1815-1915* (1997). Para os seus primeiros estudos, revelaram-se de primordial importância o *Elucidário Madeirense*, de Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses (1940-1946), e *Madeira: Investigação Bibliográfica*, de Gilda França Vieira e António Aragão de Freitas (1981). Estas duas obras de referência permitiram-lhe a elaboração de uma primeira lista de visitantes de língua alemã na Madeira entre 1815 e 1915³, que está na origem do livro que editou sete anos depois.

Foi, sobretudo, a partir das publicações dos médicos Carl Kämpfer (1803-1846), Heinrich Bahr (1823-1869) e Karl Mittermaier (1823-1917) que a Madeira se tornou

² Entre outras: *Atlântico*, *Bocagiana*, *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, *Girão*, *História*, *Islenha*, *Lusorama*, *Margem 2*, *Origens*, *Xarabanda*, *Ilharq*, *Diário de Notícias da Madeira*, *Jornal da Madeira*, *madeira Aktuell Zeitung: MAZ – Die Zeitung für alle Madeira-Touristen*, in *madeira Zeitung*.

³ *Islenha*. Funchal. N.º 6, (1990), p. 48-67.

conhecida, entre os germânicos, como estância sanatorial. Acreditava-se, então, que os benefícios da viagem marítima, o clima ameno, as belezas naturais, a tranquilidade e a ausência de animais nocivos para a saúde constituíam factores favoráveis à cura da tuberculose e estados depressivos.

A imperatriz Isabel (“Sissi”)

De todos os visitantes de língua alemã, avulta a presença na ilha, por duas vezes, de Isabel da Áustria, a famosa Sissi. Imperatriz da Áustria e rainha da Hungria e da Boémia, Sissi é também um mito celebrado pela pintura, escultura, literatura e o cinema. Revelou-se pela beleza, cultivou a sedução e provocou tempestades quando decidiu percorrer caminhos distantes da corte imperial. Problemas familiares e de saúde levaram a imperatriz a deixar Viena e a viajar para a ilha da Madeira.

Chegou ao Funchal em 29 de Novembro de 1860, a bordo do *Victoria and Albert*, iate a vapor gentilmente cedido pela rainha de Inglaterra, dado que a Áustria não tinha então navio adequado para uma viagem desta natureza, no Oceano Atlântico. Os criados e a volumosa bagagem da imperatriz vieram no iate britânico *Osborne*, igualmente dispensado pela rainha Vitória.

Isabel Amália Eugénia nasceu em Munique a 24 de Dezembro de 1837, um domingo. Era a segunda filha de Maximiliano José, duque na Baviera, e de sua mulher, a arquiduquesa Ludovica. Sissi foi educada sem preocupações com os cerimoniais ou protocolos da corte. Seu pai não desempenhava qualquer função oficial, nem pertencia ao ramo real da Casa de Wittelsbach. A sua família não estava, pois, obrigada ao protocolo da corte bávara.



A arquidquesa Ludovica cuidou pessoalmente da educação dos seus oito filhos, o que não era comum na aristocracia da época. Além desta responsabilidade, assumiu a governação da casa ducal. Ludovica era filha do primeiro rei da Baviera. Gostava do campo e não se preocupava com vestuário ou tipo de vida adequados à sua condição social. Como, mais tarde, haveria de declarar, convertera-se numa aldeã. Coleccionava relógios, dedicava-se à geografia, adorava cães. Não foi, porém, feliz no casamento.

Maximiliano José, duque na Baviera, o pai de Sissi, era uma personalidade excêntrica. Alegre e divertido. Gostava muito de ler e viajar. Exímio tocador de cítara, adorava música e poesia e tinha ainda uma paixão enorme pela História. A equitação e a caça constituíam prazeres que nunca dispensava. Rodeava-se de sábios e artistas burgueses em animadas tertúlias. De formação anti-aristocrática, ao longo da vida,

adoptou princípios liberais e democráticos. No pátio do seu palácio, em Munique, montou um circo onde, de permeio com exhibiões de palhaços, mostrava a sua perícia na arte da equitação, perante a sociedade da capital da Baviera.

Em 1834, o duque Max adquiriu o castelo de Possenhofen, junto ao lago de Starnberg, a 30 km sudoeste de Munique. Empreendeu obras profundas no castelo, que remontava a 1536, e decorou-o ao gosto da época, a fim de transformá-lo em residência de Verão da sua família.

As estadas em Possenhofen marcaram a infância de Sissi, principalmente pelo relacionamento afectuoso com a natureza e os prazeres lúdicos que este lugar proporcionava. Adorava nadar, pescar, escalar montanhas. Isabel falava o dialecto da região e partilhava brincadeiras com os seus irmãos e as crianças da localidade. Possenhofen conservou-se na sua memória como lugar de liberdade e de felicidade.

Aos vinte e três anos, Francisco José, imperador da Áustria, deveria anunciar o seu noivado em Ischl, durante o tempo de veraneio. Sua mãe, a arquiduquesa Sofia, tratara de acertar o casamento do jovem imperador com a sua prima Helena, irmã mais velha de Sissi. Helena tinha dezoito anos. Era mais bonita, mais culta e mais admirada do que Sissi. Sofia e sua irmã, Ludovica, combinaram todos os pormenores do noivado. Helena fora preparada para casar com o imperador da Áustria.

A região de Ischl está associada à extracção de sal, pelo menos, há cerca de 3000 anos. Desde o século XIII, os Habsburgos interessaram-se por esta localidade, principalmente pela produção de sal e a caça. A importante indústria do sal foi monopólio da Coroa por mais de seiscentos anos. No século XIX, quando se descobriram as qualidades terapêuticas da sua água e do sal, Ischl tornou-se famosa estância termal e de saúde, frequentada pela realeza e a nobreza da Europa, bem como pela diplomacia internacional.

Francisco José e os seus irmãos, desde muito novos, passaram temporadas em Ischl. Celebrou aqui o seu primeiro ano de vida e outros oitenta aniversários. Ainda hoje se celebra o aniversário do imperador a 18 de Agosto de cada ano. Em 1849, Francisco José escolheu Ischl como sua residência estival, e, como o próprio afirmou, quase todo o Verão foi uma “divina estada em Ischl”. Por decreto do imperador, de

Agosto de 1906, a cidade passou a ser denominada de “Bad Ischl”, ou seja, Estância Termal de Ischl.

A 18 de Agosto de 1853 celebrou-se, em família, o 23.º aniversário de Francisco José. Era conhecida a escolha do imperador, desde o baile da véspera do dia do seu aniversário. A princesa Isabel Amália Eugénia, duquesa da Baviera, com quinze anos de idade, seria a futura imperatriz da Áustria.

No dia seguinte, na igreja paroquial de Ischl, os noivos foram abençoados e toda a comunidade ficou a conhecer a noiva do imperador. Mas, em Viena, o comunicado oficial foi somente distribuído a 24 de Agosto, através da imprensa.

Sissi mostrava-se tímida, como sempre fora, permanecia quase constantemente em silêncio e, com frequência, deixava escapar lágrimas em público. A jovem noiva sentia-se pouco à-vontade diante dos colaboradores mais directos de Francisco José, ao ponto de o imperador dispensar o cocheiro e requerer os serviços do seu principal ajudante, o conde Carlos de Grünne, num passeio com Sissi. Francisco José e Sissi despediram-se, muito ternamente, em Ischl a 31 de Agosto. A partir de agora, iniciar-se-iam os preparativos do casamento.

Para Sissi, foram meses de um intenso programa educativo, que lhe ocupava todo o dia, e incluía aulas de francês e italiano, História da Áustria, dança, protocolo e conversação. As aulas de História, leccionadas pelo conde húngaro János Mailáth, foram determinantes na formação política da imperatriz, designadamente na sua simpatia pelo governo republicano e pela causa da Hungria.

A todo o custo, procurava-se, em poucos meses, transformar a princesa bávara, criada num ambiente de liberdade e sem preocupações com regras de conduta próprias da alta aristocracia, numa jovem bem-educada e culta, capaz de se integrar na exigente corte imperial e desempenhar, com dignidade, as elevadas funções que lhe estavam reservadas em Viena.

O enxoval, o vestuário, as jóias, regras protocolares, até a higiene dos seus dentes, tudo era delineado metodicamente, mas sem o entusiasmo da noiva de quinze anos, que apreciou mais um papagaio oferecido pelo imperador do que outras prendas valiosas.

Após nove meses de noivado, Isabel da Baviera despediu-se de Munique, a sua cidade natal, no dia 20 de Abril de 1854. Com dezasseis anos, partia para Viena, a noiva do imperador. O rei da Baviera, membros da aristocracia e uma multidão saudaram efusivamente a futura imperatriz da Áustria. Sissi, de pé, no coche, banhada em lágrimas, agitava um lenço numa despedida emocionante.

A viagem fez-se através do rio Danúbio. As paragens do vapor, que transportava a comitiva nupcial, originavam sempre calorosas recepções. Nussdorf foi a última escala desta viagem de três dias até Viena. Francisco José esperava ansiosamente a noiva e entrou no navio, ainda antes de completamente atracado. A recepção foi pomposa, com a presença de todos os membros da Casa de Habsburgo-Lorena e dos dignitários do Império.

Seguiu-se um cortejo de coches até Schönbrunn, a residência imperial de Verão dos Habsburgos, célebre também pelos seus jardins, ampliados na década de setenta do século XVIII, por iniciativa da imperatriz Maria Teresa e sob a direcção do arquitecto da corte, Ferdinand von Hohenberg. Segunda a concepção barroca de palácio imperial, a arquitectura e a natureza formavam uma unidade num inter-relacionamento harmonioso. A noiva entrou no palácio pelo braço de Francisco José. Na Galeria Grande de Schönbrunn, realizou-se a cerimónia de apresentação das famílias dos noivos e dos altos funcionários da corte, seguindo-se a entrega das prendas de casamento e um banquete de gala.

A 23 de Abril, ocorreu a entrada solene de Isabel da Baviera na cidade de Viena. A comitiva saiu do antigo palácio da imperatriz Maria Teresa. Sissi e sua mãe ocupavam uma carruagem puxada por oito cavalos brancos. A noiva mostrava enorme cansaço, depois de sucessivas recepções e longos cerimoniais. No percurso até Hofburg, não parou de chorar.

O casamento de Francisco José e Isabel realizou-se às 7 da tarde do dia 24 de Abril de 1854, na Igreja dos Agostinhos, a paróquia da corte.

No dia do casamento de Isabel da Baviera e Francisco José, 15 000 velas iluminavam a Igreja dos Agostinhos, ricamente decorada com colgaduras de veludo vermelho. A cerimónia foi presidida pelo arcebispo de Viena, que estava acompanhado de muitos bispos, abades e provinciais. Terminada a cerimónia religiosa, os noivos

regressaram ao palácio. Seguiram-se demoradas audiências para apresentação da imperatriz ao corpo diplomático e à corte vienense, protocolo que se revelou extremamente difícil para Isabel.

As festas do casamento prolongaram-se por uma semana, tendo-se realizado a 27 de Abril um grande baile da corte, em Hofburg, onde Johann Strauss Júnior apresentou, pela primeira vez, uma composição musical, especialmente dedicada ao casal imperial⁴.

Terminados os festejos, Francisco José e Isabel passaram uma curta lua-de-mel no Palácio de Laxenburg. Porém, Francisco José deslocava-se todos os dias, logo pela manhã, para Hofburg, a fim de tratar dos assuntos do Império. Os muitos afazeres e obrigações do imperador haviam-se agravado com a guerra da Crimeia.

Na ausência do marido, Sissi estava rodeada pela sogra que, todos os dias, se apresentava em Laxenburg, sob o pretexto de lhe fazer companhia e educá-la socialmente, em conjunto com a sua camareira-mor, a condessa Sofia de Esterházy. A jovem imperatriz convivia mal com tão forçada companhia, estranhava a ausência do marido, tinha saudades da família, da sua liberdade, da vida despreocupada em Possenhofen, lembrava-se do seu primeiro amor, o conde Ricardo, afastado do seu convívio pelos seus pais, e que morrera pouco tempo depois, causando-lhe profundo desgosto e grave melancolia.

Apesar da falta de preparação de Sissi para a vida na corte imperial, dos atritos com a sogra e a sua camareira-mor, das dificuldades que enfrentava o Império e que exigiam muita dedicação de Francisco José aos negócios do Estado, os primeiros anos do casamento foram de grande paixão, principalmente do imperador. E, em quatro anos, isto é entre os 16 e os 21 anos de idade, a imperatriz engravidou quatro vezes.

A 5 de Março de 1855, nasceu Sofia, a primogénita, que acabou por falecer com pouco mais de dois anos de idade. Em 15 de Julho 1856, deu à luz Gisela. E a 21 de Agosto de 1858, no Palácio de Laxenburg, veio ao mundo Rudolfo, o príncipe herdeiro.

Aos 22 anos de idade, deixando os filhos e o marido, escusando-se das obrigações oficiais na corte, a imperatriz da Áustria, psiquicamente abalada e fisicamente diminuída pela recusa de ingestão de alimentos e exercícios físicos em

⁴ *Myrthenkränze-Walzer*.

excesso, partiu para a ilha da Madeira, aconselhada por médicos que receavam o agravamento do seu estado de saúde, caso permanecesse em Viena durante o Inverno.

A imperatriz chegou ao Funchal em 29 de Novembro de 1860, tendo feito saber que dispensava as honras que lhe eram devidas. No entanto, acorreram, a bordo do *Victoria and Albert*, o governador civil do distrito, o governador militar e o bispo do Funchal, para os cumprimentos protocolares. Não deixaram também de saudar a ilustre visitante, a fortaleza do Ilhéu, quando o navio ancorou, e a fortaleza de S. João Baptista por ocasião do desembarque no cais da Pontinha. Uma força pública fez a devida continência nas imediações do cais, enquanto muitas pessoas nas ruas, janelas e mirantes assistiram à passagem da imperatriz em direcção à Quinta Vigia, num momento histórico do quotidiano funchalense.

As primeiras semanas na ilha foram difíceis para Sissi. Sentia falta de distrações. Para além das belezas naturais, pouco havia para desfrutar. A imperatriz dedicava parte do tempo aos animais de estimação, como costumava fazer em Possenhofen. Tinha pónéis, aves e cães. Gostava de passear discretamente pelo Funchal e arredores, sempre acompanhada de uma das suas damas de honor, mas dispensando guardas.

Entrou, por diversas vezes, na Sé do Funchal, não só a fim de apreciar o acervo artístico, mas também para alguns momentos de recolhimento junto à Capela do Santíssimo. O semanário funchalense, *A Voz do Povo*, registou que, à saída da Catedral, no dia 4 de Dezembro, a imperatriz deu avultada quantia a uma florista pobre, mãe de muitos filhos, após ter comprado cinco ramos de violetas.

Do Funchal, Sissi escreveu muitas cartas, sendo de salientar a correspondência com o conde Carlos de Grünne, que conhecia desde os primeiros dias do seu noivado em Ischl e com quem, habitualmente, conversava acerca de cavalos. Só através de Grünne recebia notícias sobre a situação política do Império. Ao conde e amigo, por vezes, lamentava a sua estada na Ilha. Escreveu-lhe, um dia, que os ares eram bons, mas uma vida agradável requeria algo mais.

Ocasionalmente, a imperatriz recebia altas individualidades que lhe apresentavam cumprimentos. A 8 de Dezembro, concedeu uma audiência particular ao

conde de Linhares, o enviado especial de D. Pedro V, que se deslocou, propositadamente, à Madeira, para apresentar as saudações do rei de Portugal.



Em casa, a imperatriz jogava às cartas, todos os dias, a horas certas. Mas estes jogos constituíam uma rotina, onde a ânsia de matar o tempo se sobrepunha ao prazer lúdico.

Sissi lia muito e interessava-se pelo idioma húngaro. A leitura do seu poeta dilecto, Heinrich Heine (1797-1856), ocupava-a em momentos de forte concentração, como se perseguisse a mestria dos seus versos, no enorme desejo de alcançar também tamanha grandeza nos poemas que, desde alguns anos, escrevia.

Isabel festejou o seu 23.º aniversário no Funchal, na véspera de Natal de 1860. Para esse dia festivo, o imperador enviou, por um dos seus habituais correios, uma árvore, sabendo que na ilha não havia essa tradição natalícia. E a imperatriz celebrou com membros da sua comitiva o seu aniversário e a noite de Natal.

A imperatriz e alguns elementos do seu séquito foram fotografados por Vicente Gomes da Silva, tendo uma dessas fotografias escandalizado a corte imperial. Sissi tinha viajado para a Madeira por motivos de saúde, havia deixado o marido e os filhos, e agora aparecia fotografada com bom aspecto e divertida.

De facto, havia recuperado da depressão. Longe de Viena, desfrutando de desafogado orçamento e de companhias seleccionadas, sentia agora vontade de viver. Reconhecia também que era admirada e despertava paixões. Um dos cavaleiros que a acompanhavam, o conde Imre Hunyady, enamorou-se da jovem imperatriz, manifestando-lhe discretamente o seu afecto. Mas logo Francisco José foi informado e ordenou-lhe imediato regresso a Viena. Igualmente, Isabel constatou ser admirada por oficiais de um navio de guerra russo, seus convidados para um jantar seguido de baile, num dos poucos momentos de diversão da sua estada no Funchal. Um almirante russo comentou, mais tarde, que tanto os oficiais mais novos quanto os mais velhos, se haviam enamorado de Sissi.

A 28 de Abril de 1861, a imperatriz Isabel deixou a ilha, já restabelecida. O infante D. Luís acompanhou-a na despedida. Contudo, o regresso a Viena assustava-a.

Após a viagem à Madeira, Sissi tornou a adoecer. Bastaram poucos dias em Viena. A febre e a tosse surgiram de forma assustadora. Por recomendação médica, passou largos meses afastada da corte, em Corfu, Veneza, Bad Kissingen e Possenhofen. Só voltou para junto do marido por imposição do pai, que se mostrava cansado da presença da filha e do seu séquito em Possenhofen. Quando regressou à capital, em Agosto de 1862, a imperatriz deslocou-se para Schönbrunn, o palácio onde nasceu Francisco José e onde Sissi havia passado a sua primeira noite em Viena, dois dias antes do casamento. Aqui viveu largas temporadas na década de 1860. Igualmente, Francisco José passou grande parte da sua longa vida em Schönbrunn e, neste palácio, faleceu em 1916.

O desentendimento entre o casal levou Sissi a mandar construir aposentos privados no piso térreo, podendo assim abandonar o Palácio mais facilmente, através do jardim.

Francisco José não admitia a interferência da sua esposa em assuntos de natureza política. No entanto, a imperatriz empenhou-se na resolução do litígio austro-húngaro, assumindo a causa da nação magiar.

Isabel mostrava particular interesse pela cultura húngara, pelo menos desde as lições do historiador Mailáth, seu professor na Baviera, durante a preparação para o casamento. Provavelmente, a sua simpatia pela Hungria desenvolveu-se em oposição à corte vienense, dominada pela aristocracia da Boémia, aliada da sua sogra, a arquiduquesa Sofia, que era profundamente anti-húngara.

Certo é que Sissi, depois de ter visitado a Hungria em 1857, não deixou de se interessar pela cultura magiar e de aprender a sua língua, escolhendo também jovens húngaras para o seu círculo mais próximo. Tornou-se ainda grande admiradora e dedicada amiga de Gyula Andrassy, um político liberal, acérrimo defensor da causa húngara.

Graças à intervenção da imperatriz, Andrassy e Ferenc Deák foram recebidos pelo imperador e negociaram, directamente, com Francisco José, o acordo austro-húngaro. O célebre *Compromisso* com a Hungria reconheceu os antigos privilégios do país e possibilitou o restabelecimento da Constituição. Havia, então, quem chamasse Sissi de “Formosa Providência para a Pátria Húngara”.

A 8 de Junho de 1867, na cidade de Budapeste, Francisco José e Isabel foram coroados como rei e rainha da Hungria. Nascia a Monarquia Austro-Húngara. Uma coligação de dois países: um único rei, mas governos distintos, em diversas pastas, e com órgãos de soberania próprios.

A imperatriz Isabel tornara-se num ídolo do povo húngaro. Em 1896, por ocasião da celebração do *Milénio da Hungria*, não deixou de comparecer às cerimónias oficiais em Budapeste, embora, publicamente, deixasse transparecer a apatia e a amargura dos últimos anos da sua vida.

Dez meses após a coroação, Sissi deu à luz Maria Valéria, em Budapeste. Já há uns seis anos que o imperador manifestava o desejo de outro filho. A assinatura do *Compromisso* com a Hungria provocara a aproximação do casal.

Maria Valéria foi particularmente amada pela mãe. A corte chamava-a de “filha húngara”. Para a mãe, era a “filha única”, a única que Sissi acompanhou constantemente e viu crescer. Educou-a para ser uma verdadeira húngara. Mas não foi bem sucedida nesse propósito: Maria Valéria acabará por odiar a Hungria e tornar-se uma quase militante do nacionalismo alemão.

A partir de meados da década de sessenta, Sissi compreendeu que o seu aspecto físico era a sua força e poderia utilizá-la para satisfazer as suas vontades. Dedicava, por isso, muito tempo ao culto da sua beleza. E passou, então, a agir com maior segurança e convicção. Era considerada uma das mulheres mais bonitas da sua época. Consciente do seu poder de sedução, não hesitava em impor a sua vontade ao imperador e a levar por diante posições discordantes da corte imperial.

A todo o custo, Sissi procurou manter a elegância da sua juventude e prolongar o período da sua máxima beleza, que ocorreu entre os 25 e os 35 anos de idade. Tinha de altura 1,72 m, pesava quase sempre 50 kg e a cintura oscilava entre os 50 e os 52 cm. A imperatriz dedicava muitas horas à sua higiene. Tomava banhos frios entre as 5 e as 6 h da manhã, seguidos de massagens. Fazia exercícios de ginástica diariamente, tendo sido montados aparelhos próprios nas suas diversas residências. Cumpria dietas muito rigorosas e exageradas. Praticava jejum em alguns dias. Eram as denominadas “curas de fome”. No entanto, facturas de algumas confeitarias demonstram que também apreciava doces e gelados. E tinha um gosto especial por violetas cristalizadas. Aplicava receitas de beleza singulares. O seu penteado levava duas a três horas diárias. Espesso e comprido, o cabelo quase alcançava os tornozelos. A sua cabeleireira fazia numerosas tranças, enroladas depois à volta da cabeça. A equitação era o seu desporto favorito. Praticava-o de forma obsessiva, por vezes até à exaustão. Na verdade era uma exímia e destemida amazona. No início da década de 1880, foi obrigada a abandonar a equitação, devido a problemas de reumatismo.

Costumava fazer longas caminhadas, tanto de Inverno como de Verão. Depois dos quarenta anos, quando surgiram os primeiros sintomas da idade, Sissi não se

deixava fotografar. Recusava também pousar para os pintores. Os fotógrafos faziam montagens ou retocavam antigos negativos, enquanto os pintores recorriam à imaginação, lembrando-se da imperatriz nos tempos áureos.

Nas suas raras aparições em público, escondia o rosto com o leque ou a sombrinha, na tentativa de perpetuar o mito da sua beleza. Contudo, raras fotografias informais, revelam o verdadeiro aspecto físico da imperatriz, nos últimos anos de vida.

De 1860 até ao dia da sua morte, Sissi viajou muito, passando, cada vez menos tempo, na corte vienense e junto do marido. De comboio através da Europa ou, por mar, no Atlântico ou no Mediterrâneo, primeiro em navio cedido pela Inglaterra e depois nos iates imperiais *Greif* e *Miramar*, a errância marcou a vida da imperatriz.

Em algumas localidades, o imperador anuiu em construir residências luxuosas para a sua esposa, como o Achilleion na ilha de Corfu ou Hermesvilla, a oeste de Viena, numa região de bosques e de caça. O Castelo Miramar, a norte de Trieste, veio à posse do imperador como herança do seu irmão, Maximiliano, fuzilado no México em 1867. Sissi esteve também aí por diversas vezes. Só nos anos de 1890, a imperatriz adquiriu o hábito de alojar-se em hotéis luxuosos.

Para maior comodidade nas suas frequentes viagens, foi construída uma carruagem especial em 1873, que hoje pode ser observada no *Technisches Museum* de Viena.

Sissi iniciou uma segunda estada na ilha da Madeira a 23 de Dezembro de 1893, na véspera do seu aniversário, trinta e três anos depois da sua primeira visita. Desta vez viajava no iate a vapor *Greif*, sob o pseudónimo de condessa de Hohenems. Trazia uma comitiva reduzida. Seriam cerca de vinte pessoas, fora os cento e quarenta tripulantes do navio. A fortaleza do Ilhéu saudou a chegada de Sua Majestade Imperial com uma salva de vinte e um tiros, apesar de a viagem não ser oficial.

Logo após o desembarque, passeou pelas ruas do Funchal e entrou nalguns estabelecimentos comerciais. Dirigiu-se também à *Confeitaria Felisberta*, na Rua das Pretas, para adquirir especialidades desta conhecida pastelaria. No Funchal, a imperatriz festejou o seu 56.º aniversário e assistiu à “Missa do Galo” na Sé, embora, por esta altura, as suas convicções católicas estivessem profundamente abaladas. No

entanto, o Natal motivou-a para a tradicional cerimónia presidida pelo bispo do Funchal.

No dia 25, deslocou-se ao Monte, a pé, visitando várias quintas. Na Quinta do Palheiro Ferreiro, foi recebida por John Blandy. Em sua casa, demorou-se algum tempo em convívio com a família. Visitou também, nesse dia, a Quinta do Monte, onde almoçou. Foi recebida por Leland Cossart. Sissi interessou-se muito pelos biscoitos servidos e quis saber onde se vendiam, pois considerava-os magníficos.

A imperatriz aproveitou os dias de bom tempo natalício para alguns passeios a pé. Visitou sítios pitorescos, como o Monte, a Camacha ou Câmara de Lobos. Manifestava sempre grande interesse em conhecer as quintas madeirenses, em particular os jardins e observava meticulosamente as espécies vegetais, como aconteceu, por exemplo, na Quinta das Cruzes no dia 30 de Dezembro. No dia 28 estivera no Poiso, tendo regressado à cidade em carro de cesto, a partir da Igreja de Nossa Senhora do Monte.

Sissi demorou-se na ilha até 4 de Fevereiro de 1894. Nos primeiros dias, pernoitou a bordo do *Greif*. Mas, no final de Dezembro de 1893 passou a viver num bangaló do *Reid's New Hotel* situado junto do mar. No início de Janeiro de 1894, a lista dos estrangeiros, publicada no *Diário de Notícias*, mencionava a imperatriz da Áustria e a sua comitiva no *Reid's New Hotel*.

Na Madeira, Sissi conheceu o pintor austríaco Hans Nowack, professor da Escola Industrial António Augusto de Aguiar, no Funchal. Ao apreciar os seus trabalhos, lembrou-se de adquirir uma aguarela para oferecer à sua filha predilecta, Maria Valéria.

Isabel da Áustria não gostava de ser interpelada nas ruas nem tão-pouco estimava a curiosidade popular. O *Diário do Comércio*, na sua edição de 29 de Dezembro de 1893, apelou, por isso, às autoridades policiais que evitassem a aglomeração de pessoas à sua volta ou nos sítios que habitualmente frequentava.

Na sua passagem pela Madeira, Sissi estava acompanhada com um leitor de grego, como, de resto, aconteceu em vários outros lugares. A imperatriz estudava intensamente tanto o grego antigo, através da *Ilíada* e da *Odisseia*, quanto o moderno idioma. Homero era, nesta fase da sua vida, um dos poetas da sua eleição.

No *Reid's*, Sissi recebeu Carlo de Bianchi, o cônsul austríaco, que conhecia desde a sua primeira deslocação ao Funchal, e havia sido agraciado pelo imperador, pelos bons serviços prestados. Carlo de Bianchi obsequiou, com um almoço, os oficiais do iate imperial *Greif*, na sua quinta aos Ilhéus (Quinta Forbes).

No final de Janeiro, Sissi deixou o *Reid's New Hotel*, recolhendo-se no iate imperial, para iniciar uma volta pelo litoral madeirense, como se se despedisse da ilha onde, há quase 34 anos, iniciara longa errância por terra e por mar.

De acordo com o *Diário do Comércio*, de 6 de Fevereiro de 1894, a imperatriz partira muito satisfeita pela tranquilidade que encontrara na Ilha. Contudo, parece ter protestado pela exorbitante quantia que havia despendido: cerca de 12 000 libras esterlinas. Mais de um conto e cento e tantos mil réis teriam sido para o pagamento de gelo, o que leva a supor que, na Madeira, Isabel da Áustria seguiu algum tratamento de *Kneipp-Kur*.

Na manhã de 10 de Setembro de 1898, o anarquista italiano, Luigi Lucheni, assassinou a imperatriz em Genebra, na Suíça. Como escreveu Brigitte Hamann, sua conhecida biógrafa, Lucheni ofereceu a desejada morte a uma mulher cansada e com uma grave depressão.

Tinha uma personalidade excêntrica: vaidosa, egocêntrica e narcisista. Adivinhava-se um fim trágico para a infeliz imperatriz. Falava em suicídio desde meados dos anos oitenta. A infelicidade conjugal e familiar, as sucessivas mortes de entes queridos perturbaram-na muito: em 1857, faleceu Sofia, a filha primogénita. Dez anos depois, o seu cunhado e amigo, Maximiliano do México, foi assassinado. Luís II, da Baviera, seu primo, morreu afogado no Lago Starnberg em 13 de Junho de 1886. No fim de Janeiro de 1889, ocorreu o suicídio do filho, o príncipe herdeiro Rudolfo. Gyula Andrassy, seu grande amigo, faleceu a 18 de Fevereiro de 1890. Sua irmã, a duquesa d'Alençon, morreu num incêndio de um bazar de caridade em Paris, no ano de 1897.

Nesse fatídico 10 de Setembro, Sissi havia saído do *Hotel Beau-Rivage*, onde estava hospedada, para tomar o navio *Géneve* que a levaria a atravessar o Lago Léman ou Lago de Genebra em direcção a Montreux. Mesmo depois de atingida pelo golpe assassino, Sissi, sem se aperceber da gravidade do ferimento, entrou na embarcação e

logo acabou por desmaiar. O navio regressou ao cais. A imperatriz foi conduzida ao hotel e passado algum tempo faleceu.

Morreu mais ou menos como queria. Sem grande sofrimento, longe da corte austríaca e próximo da natureza. O corpo de Sissi foi trasladado para Viena, onde chegou a 15 de Setembro. A sua derradeira vontade nem foi discutida: Isabel não foi enterrada junto ao mar, como desejava. O funeral realizou-se na cripta dos imperadores, da Igreja dos Capuchinhos, onde repousam os restos mortais de numerosos membros da Casa dos Habsburgos, desde o século XVII.

A arte imortalizou Sissi. Transformou-a num mito. O culto da beleza perene, a fuga constante da corte e a ânsia de liberdade e de afirmação pessoal talharam o infortúnio da imperatriz, que recusou assumir estatuto ditado aos quinze anos de idade.

Não foi considerada esposa dedicada, mãe carinhosa nem imperatriz reconhecida pela dignidade com que desempenhava as suas funções. Amava a poesia e a equitação. Revelou-se uma mulher culta e naturalmente rebelde. Mostrava simpatia pelas ideias republicanas e liberais. Era uma aristocrata profundamente anti-aristocrática. Mas somente a generosidade financeira de um imperador condescendente sustentou a sua liberdade.

Sentia forte necessidade de não se fixar a uma terra. Vivia, porém, alienada da vida e do prazer, como confessou no seu *Diário*. Com estes fios contraditórios teceu-se a aura de Sissi, a visitante germânica mais famosa da ilha da Madeira.

A Companhia dos Sanatórios da Madeira

No início do século XX, por iniciativa do príncipe de Hohenlohe, foi projectado para o Funchal o mais vultuoso investimento de capital estrangeiro na área do Turismo: a famigerada *Companhia dos Sanatórios da Madeira*. Pretendia-se a construção de sanatórios marítimos e de altitude, alguns destinados, exclusivamente, a doentes ricos, com alguma sumptuosidade: hotéis de primeira classe e “recreios lícitos»” anexos, jardins e parques. O príncipe de Hohenlohe, no seu requerimento ao

Governo Português, em 1903, tomava, como modelo, experiências bem sucedidas no Reno, Davos e Nice.

A *Companhia dos Sanatórios da Madeira* logo despertou a oposição dos britânicos, instalados na Ilha, que usaram de todos os meios para obstar a sua concretização. A Madeira tornou-se numa espécie de brinquedo dos imperialismos alemão e britânico, na primeira década do século XX, acusando-se os alemães de pretenderem construir estabelecimentos luxuosos para a prática de jogos de fortuna ou azar e até planearem a ocupação do arquipélago, com imprensa afectada a uma ou outra posição.

Na verdade, o projectado investimento não se concretizou, pelos ardilosos entraves colocados pelos britânicos, em especial, na aquisição de importante área para a construção do *Kurhotel* no Litoral: os alemães possuíam já as Quintas Vigia e Bianchi, mas foram impedidos de adquirir a Quinta Pavão, intercalada entre as outras duas, o que inviabilizou o luxuoso complexo hoteleiro projectado para aquela zona e desencadeou um longo contencioso, que terminará na rescisão com o concessionário dos *Sanatórios da Madeira*.

Assim, o grandioso projecto de investimento transformou-se numa escandalosa questão, com repercussões internacionais, largamente discutida nos gabinetes ministeriais, na Câmara dos Deputados e nos fóruns diplomáticos, que durou vários anos e arrastou a Ilha para o cenário da guerra económica entre o Reino Unido e a Alemanha no início do século XX. Todavia, a *Companhia dos Sanatórios da Madeira* ditou o futuro daquele remanso frondoso, sobranceiro ao porto do Funchal.

Bibliografia

- Caso, A. (1997). *Elisabeth de Austria-Hungria: álbum privado*. Barcelona: Planeta.
- Guevara, G. M. (1997). *As relações luso-alemãs antes da Primeira Guerra Mundial: a questão da concessão dos sanatórios da Ilha da Madeira*. Lisboa: Colibri.
- Hamann, B. (1982). *Sisi: Emperatriz contra su voluntad*. Barcelona: Juventud, S. A.

- Hamann, B. (1997). *Sissi*. Köln: Taschen.
- Haslinger, I. & Unterreiner, K. (2000). *Hofburg de Viena: Apartamentos Imperiales, Museo Sisi y Platería de la Corte*. Viena: Schloss Schönbrunn Kultur- und Betriebsges.m.b.H.
- Hofbauer, R. (1998). *Imperatriz Elisabeth da Áustria. 1837-1898: o destino de uma mulher sob as pressões da corte imperial*. Viena: Austria Imperial Edition.
- Kellenbenz, H. (1990). Relações comerciais da Madeira e dos Açores com Alemanha e Escandinávia. In *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira* (pp. 99-113). Funchal: CNCDP.
- Kugler, G. (2007). *Francisco José e Isabel*. Viena: Pichler Verlag.
- Merkle, L. (2003). *Sissi: the tragic Empress. The story of Elisabeth of Austria*. Munich: Stiebner.
- Pereira, F. J. (1991). *Estudos sobre História da Madeira*. Funchal: SRTC-CEHA.
- Veríssimo, N. (1990). A Questão dos Sanatórios da Madeira. *Islenha*, 6, 124-143.
- Veríssimo, N. (1991, Set. - Out.). O Cavaleiro de Santa Catarina, sesmeiro da Madalena do Mar. The Knight of Saint Catherine, feudal Lord of Madalena do Mar. *Atlantis*, 11 (5), 32-36.
- Veríssimo, N. (1996, Maio 5). Henrique Alemão, sesmeiro da Madalena do Mar. *Diário de Notícias*, Revista, Funchal, 10-11.
- Veríssimo, N. (1998, Maio 31). Sissi. *Diário de Notícias*, Revista, Funchal, 10-11.
- Wilhelm, E. A. (1994, Mar.). Sissi na Madeira. *História*, XVI (173), 69-75.
- Wilhelm, E. A. (1997). *Visitantes e escritos germânicos da Madeira: 1815-1915*. Funchal: SRTC-DRAC.
- Wilkie, J. (2004). *The Imperial Villa in Bad Ischl*. Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt.